



A FILA

THAYANE VASCONCELLOS DOS SANTOS DANTAS^{1*}

Ainda ontem, eu rolava os reels do Instagram desprezivelmente, apenas um autômato em busca de dopamina barata. No meio dos vídeos fugazes e banais, um me arrancou da anestesia digital: duas pessoas numa discussão acalorada na fila do caixa de um supermercado. Filas, por si só, já são um teste de paciência, mas o motivo daquele embate foi o que realmente me deu nos nervos.

A trama foi a seguinte: um senhor sessentão reclamava com uma mulher por ela estar na fila preferencial sem ter direito. Constrangida, ela esclareceu que estava ali usufruindo de um benefício, visto que seu filho era autista e a acompanhava. Não satisfeito, e totalmente aquém da lei, o senhor retrucou que o autista ali não era a mãe e que criança não fazia compras. A mãe tentou contra-argumentar, mas o autodeclarado “regulador de prioridades” não parou por aí. Ele prosseguiu, dizendo que lugar de criança autista era em casa, que “gente doente” tinha que ficar trancada.

Se fosse um caso isolado, refletiria apenas a ignorância de um indivíduo. Mas a cena da fila escancara algo maior: a exclusão sistemática, que se espalha por inúmeros setores. Meursault, personagem de Albert Camus, não é condenado apenas por seus atos, mas por não reagir ao mundo como se espera. Da mesma forma, os neurodivergentes são frequentemente tratados como “estrangeiros” dentro da sociedade. Sua forma de interagir com o mundo costuma ser mal interpretada, resultando em exclusão e preconceito.

Não raro, crianças com autismo, TDAH e outras condições são invisibilizadas e excluídas também pelo sistema educacional, como se fossem um problema a ser resolvido, uma batata quente sendo passada de mão em mão. Basta olhar para uma sala de aula: aqueles que não se encaixam na engrenagem são esquecidos à margem. “Fulano não consegue ler, só fica no celular. Deixa ele pra lá, ele não aprende nada.” Isso é o que circula em salas e corredores de numerosas instituições, um discurso que não aparece em campanhas governamentais. Tratam o diferente como uma bomba-relógio; se ninguém a tocar,

não vai explodir. Dessa forma, a criança segue ali, transparente numa sala de aula cheia, passando de ano sem que o ano passe por ela.

É sabido que a Escola está ruindo e precisa se metamorfosear. O quadro atual, todavia, mostra professores sobrecarregados, cargas horárias abusivas, salários defasados, falta de formação continuada e de treinamento para lidar com os novos desafios da escola, infraestrutura precária, auxiliares de menos para alunos com necessidades especiais... Poderia listar mais uma dezena de problemas que dificultam o trabalho docente, e eles validariam o desânimo que temos visto nesta categoria, mas não podemos tapar o sol com a peneira para justificar aquilo que está ao alcance: o que fazer dentro do nosso pequeno reino de quatro paredes? Para mudar essa realidade, é preciso olhar para dentro das próprias instituições de ensino. Conforme Nóvoa (2022) argumenta, a formação dos professores é um pilar fundamental na construção de um ambiente realmente inclusivo. Em vez de segregar, a escola precisa abraçar metodologias que enxerguem cada aluno como um indivíduo dotado de potencial uno a ser trabalhado, e não como uma irregularidade a ser suprimida.

Historicamente, o instinto de sobrevivência nos levava a reecer o que não entendíamos, mas, na modernidade, essa mentalidade funcionalista e irracional precisa ser superada. Continuamos rejeitando o que não podemos significar, o que nos escapa à compreensão. À semelhança do conto *Le Horla*, de Maupassant, no qual o protagonista é assombrado por uma presença invisível e incompreensível, a sociedade teme e marginaliza quem não se enquadra em suas normas. O neurodivergente, como o *Horla*, é percebido como um “outro” que está presente, mas cuja existência parece desestabilizar o mundo conhecido.

O Homem está inserido em uma língua e cultura normativas, em que os “desvios” da normalidade são tratados com desprezo. Numa perspectiva semiótica da língua (domínio do signo, do sistema), muitas formas de comunicação dos neurodivergentes são ignoradas ou invalidadas por não seguirem os padrões convencionais. Essa exclusão, porém, não é apenas física. Quando alguém tem sua forma de expressão desconsiderada, sua pessoa também é repudiada. Com base nas discussões de Benveniste, é fundamental considerar a perspectiva semântica da língua (como cada discurso produz significado) para uma análise mais sensível. Estudos mostram que as vocalizações e expressões de crianças autistas seguem uma lógica própria, baseada nas estruturas da linguagem, ainda que de maneira singular. É essencial analisar como cada indivíduo se apropria da linguagem de forma única, se posicionando como sujeito no mundo. A subjetividade não é algo que existe antes da linguagem, mas é constituída nela e por ela. Por que, então, para alguns, essa existência é negada?

Em alguma medida, o senhor da fila considerou-se superior na interação intersubjetiva. Ele era um “eu”, dirigindo-se a um “tu” — a mãe —, referindo-se a um “ele” — a criança —, o qual, mesmo presente, foi anulado ao

^{1*} Graduanda em Letras Português–Francês pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e professora de línguas. Em seus textos, investiga os “entrelugares” da linguagem e da existência, articulando uma escrita crítica do cotidiano e de seus discursos. E-mail: thayvsdantas@gmail.com.

estado de não-pessoa, ao estado de coisa, de anomalia. Juciane Carneiro (2009), ao analisar a obra de Kafka, mostra como Gregor Samsa, ao se transformar em barata, é progressivamente despersonalizado, privado de seu lugar de sujeito na linguagem. Sua família passa a tratá-lo como um fardo, um “ele” (não-pessoa) que não mais pertence ao convívio humano. De modo semelhante, os neurodivergentes são seguidamente empurrados para uma condição de invisibilidade dentro da sociedade: falam, mas não são ouvidos; existem, mas não são plenamente reconhecidos. A não-pessoa é condição única de enunciação, pois é “daquilo que se fala”, mas não deveria ser usada como arma de menosprezo, para cercear vozes e abafá-las dentro de quartos.

A literatura tem o poder de trazer à luz o que nos passa despercebido. Ela extrapola a realidade expondo dinâmicas que se repetem em espaços sociais ou mesmo privados. Como Meursault, essas crianças são julgadas por não se adequarem às normas sociais. Como o Horla, são vistas como presenças perturbadoras. Como Gregor Samsa, são reduzidas a um incômodo a ser eliminado. Se absurdos como esse são proferidos a olhos vistos, o que não acontece às escuras?

Os dias são maus, mas torço, quem sabe com a ingenuidade de um infante, para que sejamos mais a “mãe da criança”, e menos o “senhor da fila”. Este, não apenas negou um lugar naquela fila específica, mas negou um espaço de existência para aquela criança. Em cada pequeno gesto, reforçamos ou contestamos essa lógica. Podemos escolher ser a voz que silencia ou a que acolhe. Espero que, quando confrontados com a possibilidade de validarmos alguém sendo o “tu”, façamos com respeito e cordialidade. Todos somos sujeitos e significamos através da linguagem, mesmo que ela advenha de um “eu” (locutor) se dirigindo a um “tu” pressuposto (alocatário), mesmo que ela seja única e signifique somente para o locutor. Ainda há muito a ser feito, mas toda mudança começa com um pequeno ato de aceite.

Por ora, chega de internet. Vou ali mergulhar no caos controlado dentro de um livro. Mas, quando voltar ao mundo, espero ser alguém que cede espaço para a existência do outro na ciranda da fila enunciativa.

Referências:

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo; FERREIRA JÚNIOR, José Temístocles. A criança autista e a enunciação como uma realização vocal da língua. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/EUTOMIA/article/view/258451>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. Revisão de Isaac Nicolau Salum. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976. (Biblioteca Universitária. Série 5ª, Letras e Linguística, v. 8).

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. A alteridade e seus efeitos na constituição da subjetividade: uma análise enunciativa dos protagonistas Kafkianos. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6430>. Acesso em: 16 fev. 2025.

NÓVOA, António. Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar. 1. Ed. Salvador: SEC/IAT, 2022.